

Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da *Vida de Nero*

Fábio Duarte Joly*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a *Vida de Nero*, de Suetônio, procurando nela identificar elementos que permitam associá-la à tradição historiográfica senatorial romana, a despeito de tal correlação não ser usualmente enfatizada pela crítica moderna. A primazia atribuída à obra de Tácito e a subvalorização do estilo literário de Suetônio são aspectos que contribuíram para essa última posição.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Roma; Suetônio.

Nosso conhecimento do principado neroniano repousa basicamente na leitura de três autores – Tácito (*Anais*, livros 13-16), Suetônio (*Vida de Nero*) e Dião Cássio (livros 61-63 de sua *História Romana*) – cujas obras foram compostas entre a primeira metade do século II e a primeira metade do século III. Com a exceção do texto de Suetônio, as partes referentes a Nero nos escritos dos senadores Tácito e Dião Cássio preservaram-se de forma lacunar. No principal manuscrito dos *Anais* a narrativa interrompe-se no ano de 66, ou seja, perdeu-se a versão taciteana dos dois últimos anos do governo de Nero, até 68, embora nas *Histórias* anteriores aos *Anais* o historiador se detenha nos eventos em Roma e nas províncias, logo após o fim desse imperador. Já os livros da *História Romana* de Dião Cássio acerca de Nero sobreviveram apenas na forma de resumos elaborados em época bizantina.¹

A crítica moderna ainda questiona se Tácito, Suetônio e Dião Cássio seguiram ou não uma única fonte na redação de suas narrativas, mas de certo sabemos que três autores contemporâneos de Nero, cujas obras se perderam, podem ter fornecido o substrato para os autores posteriores.² Plínio, o Velho, escreveu uma *Historia a fine Aufidi Bassi*, abarcando

provavelmente os eventos de 41 (ou 47) a 69 d.C Fábio Rústico, citado por Tácito (*Anais* 13, 20, 2), publicou sua obra nas duas últimas décadas do século I. Por fim, Clúvio Rufo, apontado como amigo próximo de Nero,³ escreveu uma história cobrindo do início do Principado à morte de Nero. Embora certamente existissem correntes filoneronianas nos círculos literários à época de Nero, elas foram suplantadas pela tradição negativa que se formou no período da guerra civil de 68-69.⁴ Já nesse momento moedas com as legendas *Libertas Restituta* e *Adsertor Libertatis Publica* foram cunhadas por Júlio Civil, Galba, Vitélio e Vespasiano, sugerindo que certos grupos antes se viam como “escravos” de Nero.⁵ Essa imagem de Nero como *dominus* cristalizou-se na literatura posterior, na pena de Plínio, o Velho, Tácito, Suetônio, Marcial, Estácio e Dião Cássio, e encontrou repercussão até no *Epitome de Caesaribus*, uma compilação de eventos dos reinados de Augusto a Teodósio composta no século IV, que apresenta o comportamento da plebe de Roma, quando da morte de Nero, como um ritual de libertação de escravos (*ut plebs induta pilleis manumissionum tamquam saevo exempta domino triumpharet*, *Epit.*, 8-9). É escusado dizer que foi essa imagem de Nero como tirano que se cristalizou no imaginário ocidental.⁶

Nos últimos anos nota-se um crescente interesse pelas representações de Nero nos autores antigos, com estudos literários voltados para a análise dos recursos retóricos empregados na caracterização do imperador.⁷ Por outro lado, as obras gerais, de caráter mais propriamente histórico, sobre esse imperador tendem a seguir o plano narrativo das fontes disponíveis, em especial Tácito – além de Suetônio e Dião Cássio –, agregando quando possível documentação arqueológica, epigráfica e numismática.⁸ Ambas as tendências diferenciam-se, portanto, no sentido de que enquanto a primeira prioriza abordagens temáticas ou de passagens específicas das fontes, a segunda opta por desenvolver uma análise diacrônica do Principado neroniano.

Essa polarização entre literatura e história no campo dos estudos clássicos e da História Antiga explica-se, em parte, pela difícil adequação dos cânones da historiografia antiga aos

padrões da historiografia contemporânea. As diferenças começam quanto ao próprio *status* de historiador. Como lembra François Hartog, na Antiguidade, “em momento algum, a historiografia foi substituída ou assumida por uma instituição que codificasse suas regras, a credenciasse e controlasse seus modos de legitimação”, tal como hoje nas universidades.⁹ Essa diferença faz com que a primeira tendência que assinalamos acima priorize o aspecto literário das obras historiográficas antigas, ressaltando seu componente de “invenção” (*inuentio*), como definido por Cícero, isto é, a composição de um fato verdadeiro ou verossímil com o fim de convencer uma audiência, não havendo, portanto, distinção entre o verdadeiro e o provável.¹⁰ Nesse sentido, de acordo com A. J. Woodman, a historiografia clássica – como exemplificada por Tucídides, Salústio, Tito Lívio e Tácito – seria essencialmente uma peça retórica, devendo ser classificada mais como literatura do que como história.¹¹

Em suma, as regras da historiografia antiga, ao empregarem figuras de linguagem e uma técnica argumentativa próprias da retórica, seriam diametralmente opostas àquelas da moderna historiografia, comprometida com a “verdade”. Trata-se de uma posição questionável em termos de teoria da história, mas tem o mérito de apontar um problema, a saber, a preeminência atribuída a certas fontes historiográficas como mais “confiáveis” em relação a outras. Se todas as obras históricas antigas são fortemente influenciadas pela retórica, como julgar qual narrativa é mais digna de crédito? Em geral, a resposta reside no quesito da “autoridade”. Por essa ótica, Tácito seria um guia mais confiável para a história do Principado Júlio-Cláudio do que Veleio Patérculo, Suetônio ou Dião Cássio. Essa tendência, observável na crítica moderna, explica-se pelo espaço que foi concedido à obra taciteana no pensamento político europeu entre o Renascimento e o século XVIII, e firmou-se no século XX com os estudos que Ronald Syme dedicou a Tácito. Se há um denominador comum em toda essa trajetória de recepção é o retrato de Tácito como um crítico ferrenho do autoritarismo imperial, que permitiu à sua obra ser enquadrada no contexto de

críticas políticas às monarquias européias – entre o Renascimento e o século XVIII¹² – e até mesmo aos regimes nazista e fascista da primeira metade do século XX – como testemunha a obra de Syme.¹³ Cristalizou-se assim a imagem do “senador como historiador”,¹⁴ nos termos ainda de Syme, que deixou à sombra outros autores que frequentemente são contrastados com Tácito, como se estivessem a dever na escrita da história. É o caso de Suetônio.

Não raras vezes sua obra é vista por um prisma reticente, minimizando-se seu valor histórico e qualificando-a como um trabalho erudito de mera reunião de fatos desconexos,¹⁵ julgamento intimamente relacionado a uma comparação com Tácito, considerado digno representante da tradição historiográfica senatorial romana. A linearidade narrativa e julgamentos morais da obra taciteana contrapõe-se a ausência de uma descrição cronológica e de convicções políticas claras nas biografias de Suetônio. Andrew Wallace-Hadrill ilustra bem essa visão ao afirmar que “Suetônio não tem um lugar na história do ideal político da liberdade. Ele evita tratar da política. Sem o elemento dinâmico da narrativa, ele não pode, como Tácito, descrever as tensões entre imperador e senado, o conflito entre Principado e liberdade”.¹⁶

Logo, o contraste entre Suetônio e Tácito se dá em dois níveis, temático e estilístico. Por um lado, cobra-se do biógrafo a análise das relações entre imperador e Senado que a historiografia senatorial costumava abordar como uma tensão entre liberdade (*libertas*) e escravidão (*seruitus*). Por outro, critica-se a falta de uma narrativa propriamente cronológica e não uma coleção de fatos episódicos, muitas vezes de tom anedótico.

Uma análise da biografia de Nero (*Vita Neronis*) possibilita matizar essa leitura. Se em Dião Cássio o tom hostil predomina, Tácito e Suetônio, por sua vez, mostram-se ambíguos na avaliação da atuação de Nero, mesclando seus elementos positivos e negativos, o que exige uma análise que busque mapear os pressupostos políticos de tais avaliações. É justamente nesse aspecto que, a despeito das diferenças estilísticas, as narrativas de Tácito e Suetônio confluem, transmitindo uma similar

representação do Principado neroniano e, portanto, aproximando o biógrafo da tradição historiográfica senatorial.

SUETÔNIO E A *VIDA DE NERO*

Não dispomos de dados precisos sobre a data (69 ou 72 d.C.?) e local de nascimento (Roma, Óstia ou Hipona?) de Gaio Suetônio Tranqüilo. De qualquer forma, sabe-se que sua família pertencia à ordem eqüestre e que foi educado em Roma. Aí entrou no círculo de amizades do senador Plínio, o Jovem, que o considerava um *scholasticus* (*Ep.*, 1, 24, 4). Travou então contato com Tácito e com o historiador Fábio Rústico, entre outros intelectuais. Sob o imperador Trajano foi diretor das bibliotecas imperiais e quando Adriano ascendeu ao poder, em 117, Suetônio foi nomeado seu *ab epistulis*, ou seja, secretário de correspondências, cargo que ocupou até 122. Morreu por volta de 126.¹⁷ De suas obras chegaram-nos uma biografia dos Césares (*De Vita Caesarum*), de Júlio César a Domiciano, e algumas biografias de gramáticos e oradores (*De Grammaticis et Rhetoribus*).

De acordo com um padrão narrativo adotado em suas outras biografias, Suetônio divide aquela de Nero essencialmente em duas partes. Uma primeira engloba as características de seu governo consideradas como positivas, enquanto uma segunda parte enfatiza os traços negativos do imperador. Mas ambas as partes apresentam subdivisões, de modo que, para fins de análise, pode-se adotar, com poucas modificações, o esquema proposto por Eugen Cizek¹⁸ para a *Vita Neronis*

- a) Origens familiares de Nero (1-5);
- b) Nascimento e primeiros anos de juventude (6-7);
- c) Ascensão ao poder (8-9);
- d) Gestão da cidade (10-17);
- e) Política externa (18-19);
- f) Atividades artísticas de Nero (20-25);
- g) Defeitos do caráter de Nero (*petulantia, libido, luxuria, avaritia, crudelitas*) (26-38);

- h) Desastres naturais e críticas literárias a Nero (39);
- i) Sublevação das províncias e queda de Nero (40-50);
- j) Características físicas e inclinações culturais de Nero (51-56);
- k) Eventos subsequentes à morte de Nero (57).

Os itens (b) a (e) situam-se na parte em que Suetônio descreve o lado positivo do reinado de Nero, enquanto os itens (f) a (i) estão incluídos na parte que reúne seus aspectos negativos. Esta divisão preliminar já é significativa se atentarmos para o conteúdo de ambas as partes. Na primeira predomina a figura do imperador como regente da cidade de Roma, enquanto a segunda detém-se no imperador satisfazendo suas inclinações pessoais, sobretudo no campo artístico. Vejamos então, em linhas gerais, como ambas as representações despontam na biografia.

A primeira menção positiva que Suetônio faz a Nero é quando narra sua introdução na vida pública, por volta de 53 d.C.¹⁹:

Conduzido ao Fórum para aí tomar a toga, prometeu uma distribuição ao povo e uma gratificação aos soldados. Numa revista aos pretorianos, colocou-se à frente destes com um escudo na mão. Depois, solicitou, no Senado, ações de graça para o seu pai adotivo [Cláudio]. Defendeu, diante dele, então cônsul, em latim, os habitantes de Bolonha e, em grego, os de Rodes e de Ílion. Estreou nas funções públicas como prefeito da cidade durante as festas latinas. (7, 2)²⁰

Nero aparece aqui sob uma luz favorável por estar perfazendo suas obrigações com os grupos que constituem a **res publica**: o povo, os soldados e o Senado. Ademais, atuou como prefeito da cidade de Roma cuidando de casos que Suetônio faz questão de qualificar como importantes. As suas primeiras medidas ao ascender ao poder em 54 também são descritas favoravelmente:

Após haver declarado que “reinará de acordo com os princípios de Augusto”, não perdeu nenhuma

ocasião de demonstrar a sua liberalidade [*liberalitas*], sua clemência [*clementia*] e até mesmo sua amabilidade [*comitas*]. Aboliu ou diminuiu os impostos mais pesados. [...]. Depois de ter distribuído ao povo quatrocentos sestércios por cabeça, estabeleceu para os senadores mais nobres, porém sem fortuna, um ordenado anual que montava, para alguns, até cem mil sestércios. E, da mesma forma, às coortes pretorianas, uma ração de trigo anual gratuita. (10)

Destaque-se aqui a ênfase do biógrafo na enumeração das virtudes imperiais que Nero pretende adotar: *liberalitas*, *clementia* e *comitas*. Como se vê pelo trecho acima, virtudes positivas são aquelas demonstradas no trato do imperador com os grupos sociais em Roma. Passagens dos *Anais* de Tácito fazem referência a algumas dessas medidas de Nero apenas citadas brevemente por Suetônio. O imperador tentou abolir todos os impostos indiretos em 58, embora tenha sido demovido de tal intento pelo Senado (*Anais* 13, 50-51) e, nesse mesmo ano, foi decretada uma lei abolindo taxas para o transporte de trigo das províncias além-mar (*idem*). O primeiro *congarium* (distribuição de dinheiro à plebe) promovido por Nero data de 57 (*Anais* 13, 31) e doações anuais de dinheiro foram feitas a senadores em 58 (*Anais* 13, 34). Distribuições mensais de trigo às coortes são atestadas para 65 (*Anais* 15, 72).

Ao detalhar o modo como Nero conduzia seu governo, Suetônio aprova os seus procedimentos judiciais, o fato de não ter admitido no Senado filhos de libertos, seu respeito pela instituição do consulado e o costume de fazer ler por um cônsul suas mensagens na cúria (15). Se a deferência de Nero pela ordem senatorial é sublinhada por Suetônio, o mesmo se dá quando se refere às suas medidas legais impostas em Roma: restrições ao luxo, perseguição aos cristãos (após 64, cf. Tácito, *Anais* 15, 44), repressão aos condutores de quadrigas e expulsão dos pantomimos de Roma (em 56, cf. Tácito, *Anais* 13, 25) por causarem distúrbios públicos (16). Nero penalizou ainda os

falsificadores de testamentos (talvez em 55, cf. Dião Cássio, 61, 7, 6) e limitou o pagamento a advogados (17). Do ponto de vista edilício, planejou que casas e prédios fossem construídos de modo a facilitar o combate a incêndios (após 64, cf. Tácito, *Anais*, 15, 43), além de pensar em estender os muros de Roma até o porto de Óstia (16).

Na descrição suetoniana dos espetáculos fornecidos por Nero em Roma continua a predominar a ênfase na interação do imperador com a aristocracia e a plebe da cidade:

Ofereceu muitos espetáculos de todos os gêneros. *Juvenales*, jogos do circo, jogos cênicos, combates de gladiadores. Nas *Juvenales* tolerou, mesmo, a participação dos velhos consulares e das velhas matronas. Nos jogos do circo concedeu aos cavaleiros lugares separados dos demais e fez aparecer aí até quadrigas atreladas a camelos. Nos jogos organizados pela eternidade do Império e aos quais desejou se chamassem “Jogos Máximos”, os papéis foram desempenhados pela maior parte das personagens das duas ordens e dos dois sexos. Um cavaleiro romano, conhecidíssimo, montado num elefante, desceu, correndo, numa corda esticada. (11)

As *Juvenales* foram instituídas em 59 (Tácito, *Anais*, 14, 15; Dião Cássio, 61, 19-21) e pelo menos até antes de 64 esses jogos foram realizados anualmente. Além das *Juvenales*, a participação de aristocratas no palco ou na arena é atestada para os anos 57 (Tácito, *Anais*, 13, 31), 59 (Tácito, *Anais*, 14, 14; Dião Cássio, 61, 17, 3-5), 60 (Tácito, *Anais*, 14, 20; Dião Cássio, 61, 21, 1) e 63 (Tácito, *Anais*, 15, 32). Os *ludi maximi* talvez tenham se realizado em 59. Se há uma crítica de Suetônio à participação de aristocratas em jogos é quando, mais adiante, afirma que Nero forçou quatrocentos senadores e seiscentos cavaleiros a lutarem na arena (12, 1). Se as altas cifras mencionadas indicam que se deve ter cautela em aceitar essa informação, há que se observar que parte da aristocracia coadunava com a política artística de Nero. Por exemplo, sobre os jogos quinquenais em 60 d.C., Tácito nota que “muitos, porém, aprovaram essa licença e procuravam coonestá-la, alegando que os nossos antepassados não eram infensos aos divertimentos cênicos, segundo os

recursos da época, e fizeram vir da Etrúria os histriões e de Túrria as corridas de cavalos, e após a ocupação da Acaia e da Ásia, maior cuidado se deu ainda aos espetáculos, e nenhum cidadão romano de boa família se degradou nas artes teatrais, depois mesmo de duzentos anos decorridos desde o triunfo de L. Mêmio, que foi o primeiro a trazer para Roma espetáculos desse gênero” (*Anais* 14, 21).

Ademais, Suetônio faz questão de sublinhar que Nero não tomava parte pessoalmente em tais espetáculos e, quando aparecia, estava em companhia de membros do Senado:

Estabeleceu também pela primeira vez em Roma, jogos quinquenais, a exemplo dos gregos. Concurso tríplice: musical, ginástico e equestre, a que deu o nome de *Neronia*. Na dedicação de suas termas e do seu ginásio, deu lugares de honra aos senadores e aos cavaleiros. Determinou que consulares fossem sorteados como juizes dos concursos. (12, 3).

Logo, também no campo artístico, as atitudes de Nero são consideradas positivamente por Suetônio quando o imperador aparece levando em conta os outros grupos sociopolíticos em Roma. Se até aqui o biógrafo separara em sua descrição os campos da política e da arte, embora os relacionando por um mesmo pressuposto valorativo – os vínculos entre imperador, Senado e plebe – ao final da parte dedicada aos fatos positivos, esses campos aparecem explicitamente unidos. Em 66 o rei parta Tiridates foi a Roma declarar sua lealdade a Nero, evento que Suetônio afirma que devia ser incluído entre os “espetáculos” do imperador (*Non immerito inter spectacula ad eo edita et Tiridatis in urbem introitum rettulerim*, 13, 1). Depois de recebê-lo no Fórum, onde se postaram fileiras de soldados, Nero conduziu-o ao teatro de Pompeu onde novamente o rei parta prestou-lhe homenagem. No relato de Suetônio a cerimônia aparece descrita como uma paródia de um triunfo militar, com Nero trajando vestimentas militares e sendo saudado como *imperator*, uma designação aplicada aos generais vitoriosos. Nero de fato nunca saiu de Roma com fins militares, apenas artísticos, como em sua viagem à Grécia em 66. Mas se o tom paródico pode ser

interpretado como uma crítica velada a Nero por parte de Suetônio, por outro, as indicações do biógrafo permitem-nos supor que Nero utilizava-se da linguagem artística para representar a supremacia do poder de Roma a seus súditos.

Em suma, quando se tomam em conjunto os eventos do Principado de Nero compreendidos na seção da biografia dedicada a seus aspectos positivos, chega-se à conclusão que o pressuposto que norteia a narrativa de Suetônio é o de que o imperador é digno de louvor quando legisla em Roma e para a cidade de Roma, fazendo parte de um sistema político constituído pelos senadores, cavaleiros, soldados (das coortes pretorianas) e a plebe.

Inversamente, quando passa a descrever o que chama de “atos vergonhosos e criminosos” (19, 2) de Nero, Suetônio apresenta o imperador agindo a fim de satisfazer seus interesses pessoais, sobretudo artísticos, transmitindo uma imagem desvinculada da ideologia senatorial do *senatus populusque romanus*. O biógrafo critica agora as aparições isoladas – ou com outros atores profissionais – do imperador nos espetáculos, como se fosse o único agente do poder e, sobretudo, o fato de se apresentar publicamente em Roma e fora da cidade, como em Nápoles e em cidades da Grécia.²¹

“De nada vale música às escondidas”, teria dito Nero, de acordo com Suetônio. Este provérbio grego sintetiza uma das linhas de força da narrativa da parte negativa do reinado de Nero. Sentindo-se encorajado por seus progressos no canto, Nero teria expressado seu desejo de aparecer em público, o que fez inicialmente em Nápoles (20). Depois desta experiência apresentou-se em Roma (21). Os cavalos também eram uma de suas paixões, e o modo como Suetônio apresenta as corridas que o imperador organizava permite-nos analisar os critérios que levam o biógrafo a classificá-las negativamente:

Após a aprendizagem feita nos seus jardins, diante dos escravos e da plebe sórdida [*inter servitia et sordidam plebem*], mostrou-se aos olhos de todos no Circo Máximo e foi um de seus libertos quem deu o sinal de partida, do lugar em que os magistrados tinham por costume fazê-lo (22, 2).

Note-se a designação pejorativa aplicada à plebe e sua associação com os escravos de Nero. A terminologia remete imediatamente ao prefácio das *Histórias* de Tácito, onde esse historiador apresenta sua visão do estado de Roma após a morte de Nero em 68:

A parte íntegra do povo e ligada às grandes casas, os clientes e os libertos daqueles que foram condenados ou exilados ergueram-se de esperança. Mas a plebe sórdida e lançada ao teatro e ao circo – simultaneamente os piores escravos – [*plebs sordida et circo ac theatris sueta, simul deterrimi servorum*] ou aqueles que, consumidos os bens, eram mantidos pela infâmia de Nero, estavam tristes e ávidos de rumores (1, 4, 3).

A identidade entre ambas as passagens é elucidativa pois permite extrair, a partir de Tácito, a ideologia subjacente à descrição suetoniana. Pelo texto acima, a sociedade romana imperial é dividida em dois grandes grupos. De um lado, as grandes casas aristocráticas de Roma com seus dependentes. De outro, a *domus* imperial, que goza do apoio de parte do povo (inclusive escravos), devido aos benefícios que concede a este, e também daqueles indivíduos (provavelmente aristocratas) que estavam ligados ao imperador. As qualificações negativas aos grupos ligados a Nero, aplicadas pelo senador Tácito, revelam que a aristocracia via o imperador como um rival na constituição de redes de relações escravistas e de patronato, por deter mais recursos materiais. O período em que a dinastia Júlio-Cláudia, da qual Nero foi o último representante, esteve na direção do império e caracterizou-se por um processo de afirmação da *domus* imperial diante das demais *domus* aristocráticas, seja de um ponto de vista quantitativo, de concentração de recursos materiais, seja no plano qualitativo, por meio da elaboração de um estilo de vida próprio que, a partir de Adriano, se institucionalizaria numa corte.²² Portanto, Suetônio – embora não explicitamente – está a adotar a mesma ótica de Tácito na avaliação de Nero.

Não por acaso nas demais menções ao imperador o biógrafo centra-se exclusivamente na personalidade de Nero, como se ele agisse de forma autônoma, desconsiderando os grupos em Roma que lhe davam sustentação política. Assim, por exemplo, quando viajou à Grécia para participar de um concurso de música em Corinto, Suetônio critica-o por negligenciar os assuntos da cidade (*urbicas res*) (23, 1). E, para realçar o caráter não-militar da figura de Nero, quando descreve o seu retorno, narra-o como a paródia de um triunfo militar, como dantes fizera ao descrever a recepção de Tiridates em Roma:

De volta da Grécia, entrou em Nápoles, onde estreara como artista, num carro tirado por cavalos brancos, passando por uma brecha aberta na muralha, segundo o uso dos vencedores nos jogos sagrados. A mesmíssima coisa fez em Ancio, mais tarde em Alba, finalmente em Roma; aqui, porém, entrou no carro que servira outrora aos triunfos de Augusto, vestido dum manto de púrpura, com uma clâmide respingada de estrelas de ouro, à testa a coroa olímpica e a pítica na mão direita, enquanto as outras coroas eram carregadas pomposamente diante dele, com inscrições que indicavam o lugar, o nome dos seus concorrentes, o assunto dos cânticos e das peças em que saíra vencedor. Claquistas seguiam o carro, como nas ovações, aos gritos de que eram eles os augustanos e os soldados do seu triunfo. (25, 1).

Após ter caracterizado Nero como o inverso da imagem ideal do imperador, Suetônio passa então a exemplificar o que toma como suas deficiências de caráter, a saber, *petulantia*, *libido*, *luxuria*, *avaritia* e *crudelitas*, que se contrapõem às virtudes imperiais já mencionadas, isto é, *liberalitas*, *clementia* e *comitas*, componentes do repertório ideológico do Principado desde Augusto.²³ Convém notar que algumas dessas deficiências, no início da biografia, já foram derivadas da própria linhagem familiar de Nero. Por exemplo, a ostentação e profusão (*profusio*), marcas da *luxuria*, estavam presentes na conduta de seu avô Domício, o que lhe valeu inclusive a censura de Augusto (4). Igualmente Suetônio critica Nero por fazer gastos suntuosos comprometendo as finanças de Roma (30-31). A construção da chamada *Domus Aurea*, um imponente palácio no centro da

cidade, é o principal alvo de suas críticas (31), pois teria contribuído para o déficit no tesouro público, levando-o a praticar confiscos arbitrariamente (32).

Suetônio ilustra a *crudelitas* de Nero com a morte de membros da família imperial ou de seus conselheiros: sua cumplicidade em 54 na morte do imperador Cláudio (33), seu pai adotivo; o assassinato de sua mãe em 59 (34) e de suas esposas Otávia (em 62) e Pompéia (em 65); a morte, em 65 ou 66, de Antonia, filha de Cláudio; de Sêneca (em 65); de Burro (em 62) e de alguns libertos imperiais em 62 (35). O biógrafo diz ainda que Nero não poupou nem mesmo o povo de Roma. Em 64 abertamente ateou fogo à cidade (38). As mortes de senadores como Traséia Peto e Cássio Longino também são mencionadas (37) e, logo em seguida, Suetônio acrescenta que Nero ousou monopolizar todo o poder:

Deu muitas vezes a entender – e ninguém o duvidava – que não pouparia o resto dos senadores e que estava resolvido a livrar a República daquela ordem, para entregar as províncias e os exércitos aos libertos e aos cavaleiros romanos. (37, 3).

Quando narrara os eventos positivos do reinado de Nero, Suetônio mencionara uma conduta oposta, afirmando que o imperador não admitia ao Senado os filhos de libertos e recusou as honras aos que tinham sido admitidos por seus predecessores (*In curiam libertinorum filios diu non admisit; admissis a prioribus principibus honores denegavit*) (15). Ao posteriormente apresentar como uma medida negativa o recurso a libertos e cavaleiros como uma alternativa à ordem senatorial, Suetônio também se alinha com o pensamento de Tácito em cuja obra encontramos igual crítica, embora dirigida a Cláudio (*Anais*, 12, 60).

Sobreveio então o fim de Nero, que Suetônio introduz com a seguinte frase: “O universo, depois de ter suportado tal príncipe por pouco menos de catorze anos, acabou por abandoná-lo (*Talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit*) (40). A revolta do governador da Gália, Júlio Vindex, deu início ao processo que levou à queda de

Nero. De acordo com Suetônio, num ato de desespero final, o imperador tentou novamente contra a *res publica*.

Queria substituir e assassinar os comandantes dos exércitos e das províncias, como conspiradores animados dum único e mesmo espírito. Degolar, ao mesmo tempo, todos os exilados e todos os gauleses que se encontrassem em Roma. Aos primeiros, para que não fossem engrossar as fileiras dos sediciosos. Aos outros, como cúmplices e fautores dos seus compatriotas. Projetava entregar as Gálias ao saque dos exércitos. Envenenar o Senado inteiro no decorrer dum festim. Incendiar a cidade e soltar as feras contra o povo. (43, 1)

Reverteu-se, portanto, o quadro inicial da biografia quando o imperador era retratado como a favor de todos. Agora aparece contra Senado, povo, exército e províncias, logo sendo justificada a sua queda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adotar uma estruturação temática para apresentar os atos positivos de Nero, Suetônio não se prende a qualquer baliza cronológica. Não divide o reinado em dois momentos distintos, respectivamente marcados por qualidades e deficiências de Nero, mas mescla eventos situados no período de 54 até 66, cobrindo portanto quase toda a extensão de seu governo. É neste aspecto estrutural que Suetônio distancia-se da tradição historiográfica senatorial que vai de Tácito e Dião Cássio até Aurélio Vitor, autor de uma biografia dos imperadores no século IV, onde se encontra a célebre expressão *Quinquenium Neronis* para designar uma seqüência temporal de cinco anos em que o reinado de Nero teria sido louvável.

Desde pelo menos a década de 1910, rios de tinta correram na bibliografia sobre o Principado de Nero com o intuito de se estabelecer a quais anos Aurélio Vitor estaria se referindo, ora situando-os no começo do reinado de Nero, ora em sua parte final.²⁴ E a busca por um momento de ruptura no “bom andamento” do governo de Nero ainda perdura em todas as

principais obras sobre o governo desse imperador.²⁵ Como ressalta Giovanni F. Imperatore, “nas diversas interpretações do quinquênio reside um pouco a ‘radiografia’ do estado das pesquisas sobre Nero”.²⁶ Consolidou-se assim um viés interpretativo calcado exclusivamente na tradição historiográfica senatorial, com base nos livros neronianos dos *Anais* de Tácito²⁷ e também na *História Romana* de Dião Cássio.²⁸

Mas, por outro lado, Suetônio compartilha um pressuposto dessa historiografia, ou seja, o de que o governo de um imperador só é legítimo na medida em que contemple outros grupos sociais, sobretudo o Senado, mas também a plebe e o exército. A despeito dessa identidade temática, a estrutura narrativa da obra de Suetônio leva o historiador moderno a colocar em discussão a posição hegemônica que foi conferida a determinadas obras históricas a ponto de torná-las como que as únicas chaves explicativas para se interpretar o Principado de Nero. Nesse sentido, Suetônio permite-nos romper momentaneamente um círculo vicioso historiográfico. Talvez por isso sua obra não tenha sido sempre vista com bons olhos...

JOLY, Fábio Duarte. Suetonius and the senatorial historiographical tradition: a reading of the *Life of Nero*. *História*, São Paulo, v.24, n.2, p.111-127, 2005.

ABSTRACT: This article analyzes Suetonius' *Life of Nero* trying to identify some elements that allow associating it with the Roman senatorial historiographical tradition, despite the minor importance given to such link by the modern critique. The primacy conferred to the works of Tacitus as well as the devalorization of Suetonius' literary style are some of the aspects that contributed to this latter reading.

KEYWORDS: Historiography; Rome; Suetonius.

NOTAS

* Doutorando em História Econômica, Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo-USP, CEP 05508-900, São Paulo, SP, Brasil. e-mail: joly@uol.com.br

- ¹ Cf. MILLAR, F. *A study of Cassius Dio*. Oxford: Clarendon, 1964, p.1-4.
- ² IMPERATORE, G. F. *Saggio di analisi critica della bibliografia neroniana dal 1934 al 1975*. Milano: Cisalpino-Goliardica, 1978, p.1-5.
- ³ Suet., *Nero*, 21; Dião Cássio, 63, 14, 3.
- ⁴ CHAMPLIN, E. *Nero*. Massachusetts: Belknap, Harvard University, 2003, p.9.
- ⁵ ROLLER, M. *Constructing autocracy: aristocrats and emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University, 2001, p.261.
- ⁶ Ver GWIN, W. B. Cruel Nero: The concept of the tyrant and the image of Nero in Western political theory. *History of Political Thought*, v.12, n.3, p.421-455, 1991.
- ⁷ Ver, por exemplo, ELSNER, J.; MASTERS, J. *Reflections of Nero: culture, history and representation*. London: Duckworth, 1994; WOODMAN, A. J. Nero's alien capital: Tacitus as paradoxographer (*Annals* 15, p.36-7). In: WOODMAN, A. J., POWELL, J. *Author and audience in Latin literature*. Cambridge, 1992, p.173-188, e, do mesmo autor, Amateur dramatics at the court of Nero. *Annals* 15, p.48-74. In: LUCE, T. J., WOODMAN, A. J. *Tacitus and the Tacitean tradition*. New Jersey: Princeton University, 1993, p.104-29.
- ⁸ Podemos citar como exemplos WARMINGTON, B. H. *Nero: reality and legend*. London: Chatto & Windus, 1969; CIZEK, E. *L'époque de Néron et ses controverses idéologiques*. Leiden, E. J. Brill, 1972; idem, *Néron*. Paris: Fayard, 1982; GRIFFIN, M. *Nero: the end of a dynasty*. London: B. T. Batsford, 1984.
- ⁹ HARTOG, F. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p.19. Ver também CHIAPETTA, A. "Não diferem o historiador e o poeta...": O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura*, v.22, p.15-34, 1996.
- ¹⁰ Cf. WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography*. Portland: Areopagitica Press, 1988, p.87.
- ¹¹ Idem, p.197.
- ¹² Tratamos desse aspecto em JOLY, F. D. A recepção da obra de Tácito na cultura européia (séculos XV-XIX): algumas observações. *Boletim do CPA*, Campinas, v.1, n.16, p.39-46, 2003.
- ¹³ A esse respeito ver ALFOLDY, G. Two *Principes*: Augustus and Sir Ronald Syme. *Athenaeum*, v. 81, 1993, p.101-122.
- ¹⁴ The senator as historian. In: *Histoire et historiens dans l'Antiquité*. Entretiens sur l'Antiquité classique, tome IV. Genève: Fondation Hardt, 1956, p.187-201.
- ¹⁵ Para uma reavaliação de Suetônio e revisão dos estudos sobre o autor ver GASCOU, J. *Suétone historien*. Rome: École Française de Rome, 1984.
- ¹⁶ *Suetonius: The scholar and his Caesars*. London: Duckworth, 1983, p.110.
- ¹⁷ Sigo aqui CIZEK, E. *Structures et idéologie dans "Les vies des douze Césars", de Suétone*. Paris: Les Belles Lettres, 1977, p.7-12.
- ¹⁸ Idem, p.215-225.

¹⁹ Para as datações dos eventos na *Vita Neronis* sigo GALLIVAN, P. A. Suetonius and chronology in the *De Vita Neronis*. *Historia*, v.23, p.297-318, 1974.

²⁰ Para a tradução do texto de Suetônio servi-me da tradução de Sady-Garibaldi (Suetônio. *A vida dos doze Césares*. São Paulo, Ediouro, s/d), com poucas alterações. O texto latino consultado foi aquele da edição da Teubner (Suetonius. *De Vita Caesarum Libri*. v. 1. Stuttgart, 1958). Para os *Anais*, de Tácito, tive como referência a tradução de Leopoldo Pereira (São Paulo, Ediouro, s/d) e as edições da Les Belles Lettres (*Annales*. 3.v. Paris: Les Belles Lettres, 1953; *Histoires*. 2.v. Paris: Les Belles Lettres, 1951).

²¹ É bem documentado o interesse de Nero pelo Oriente. Antes de ir à Grécia, o imperador pretendeu viajar a Alexandria, então considerada como capital da arte e da música. Cf. SCHUMANN, G. *Hellenistische und griechische Elemente in der Regierung Neros*. Leipzig: Schwarzenberg & Schumann, 1930, p. 8. Tácito, por sua vez, refere-se a Nápoles como uma “cidade grega” (*Graeca urbs*) (*Anais*, 15, 33).

²² WINTERLING, Aloys. *Aula Caesaris: Studien zur Institutionalisierung des römischen Kaiserhofes in der Zeit von Augustus bis Commodus (31 v. Chr.-192 n. Chr.)*. München: R. Oldenbourg Verlag, 1999.

²³ Cf. WALLACE-HADRILL, A. The emperor and his virtues. *Historia*, v.30, p.298-323, 1991.

²⁴ ANDERSON, J. G. C. Trajan on the *Quinquennium Neronis*. *Journal of Roman Studies*, v.1, p.173-179, 1911; LEPPER, F. A. Some reflections on the *Quinquennium Neronis*. *Journal of Roman Studies*, v.47, p.95-103, 1957; MURRAY, O. The *Quinquennium Neronis* and the Stoics. *Historia*, v.14, p.41-61, 1965; THORNTON, M. E. K. The enigma of Nero's *Quinquennium*. *Historia*, v.22, p.570-582, 1973; e LEVICK, B. M. Nero's *Quinquennium*. *Collection Latomus*, v.180, p.211-225, 1983.

²⁵ CIZEK, E. *L'époque de Néron et ses controverses idéologiques*. Leiden: E. J. Brill, 1972; Idem, *Néron*. Paris: Fayard, 1982; GRIFFIN, M. *Nero: the end of a dynasty*. London: B. T. Batsford, 1984.

²⁶ *Op. cit.*, p.24.

²⁷ MORFORD, M. Tacitus' Historical methods in the Neronian books of the *Annals*. *ANRW*, II.33.2, 1991, p.1600-1601.

²⁸ GOWING, A. M. Cassius Dio on the reign of Nero. *ANRW*, II.34.3, 1997, p.2565.

Artigo recebido em 05/2006. Aprovado em 07/2006.